



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

MARIA LORRANE PEREIRA DE LIMA

A RELAÇÃO ENTRE AUTOMUTILAÇÃO E SUICÍDIO: Revisão integrativa

JUAZEIRO DO NORTE- CE
2021

MARIA LORRANE PEREIRA DE LIMA

A RELAÇÃO ENTRE AUTOMUTILAÇÃO E SUICÍDIO: Revisão integrativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Esp. Ana Karla Cruz de Lima Sales.

MARIA LORRANE PEREIRA DE LIMA

A RELAÇÃO ENTRE AUTOMUTILAÇÃO E SUICÍDIO: Revisão integrativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Enfermagem do Centro
Universitário Doutor Leão Sampaio como requisito
para obtenção do título de Bacharelado em
Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Ana Karla Cruz de Lima Sales
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio
Orientadora

Profa. Me. Ariadne Gomes Patrício Sampaio
Docente do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio
Examinador(a)1

Profa. Esp. Aline Morais Venâncio de Alencar
Docente do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio
Examinador(a)2

“Não fui eu quem ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o senhor, o seu Deus estará com você por onde andar”

(JOSUÉ 1:9)

Dedico este trabalho ao meu primo Osmar que foi o incentivo da minha trajetória até aqui, pois sempre acreditou em mim até quando eu não acreditei, sendo o motivo do tema do meu trabalho. Dedico, ainda, à minha filha Sofia que foi minha fortaleza e minha motivação, e à minha avó, que sempre me motivou e me ajudou a realizar meus sonhos e nunca me deixou desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me proporcionar saúde, fé, perseverança, sabedoria e fortaleza por me capacitar a enfrentar todos os obstáculos que encontrei nesses anos de curso mesmo sendo tão difícil alcançar o meu objetivo, ele não me deixou desistir. Porque veio dele a força, sem o meu Deus eu não seria, não teria nada, porque tudo é providência e permissão dele, por isso, sou grata.

À minha família, em especial meus pais **Lúcia Pereira da Silva** e **Vicente de Paula de Lima**, que sempre buscaram me ajudar e me apoiar. Ao meu Tio Dedé e Tia Socorro por terem me abrigado em sua casa e por cuidarem da minha Sofia, quando mais precisei.

Às minhas primas Tainara, Anaice, Heloisa e Sandra que sempre me aconselharam e me ofertaram ajuda direta ou indiretamente.

À minha avó paterna Raimunda Candido da Silva de Lima que lutou desde o início até o fim para que eu pudesse realizar um sonho que era meu, mas passou a ser dela.

À minha pessoa, Osmar Passos, que sempre foi meu apoio e minha orientação e nunca me deixou desistir, sempre encontrando saídas para que eu continuasse a lutar, por ele busco todos os dias ser aquilo que planejamos e espero que onde quer que esteja, sinta orgulho de mim, da pessoa que sou e da profissional que me torno, meu mosquito.

À Minha Sofia, minha fortaleza, que me fez renascer e me motivou ainda mais a me tornar o seu exemplo.

À minha amiga Milena Taveira que mesmo a distância e tendo uma vida corrida se manteve presente me encorajando a buscar meus objetivos e realizar meus sonhos, me ouvindo, me aconselhando, me motivando a ser melhor, orando por mim.

A meu ser de luz, Jarison Lopes por me aturar ouvindo meus desabafos e pela alimentação espiritual que a mim foi ofertada.

Às minhas amigas que foram de grande importância para minha trajetória acadêmica bem como para minha vida. Pessoas com quem partilhei grande parte da minha vida e desfrutei lindos e inesquecíveis momentos, pessoas das quais serei eternamente grata pois foram o meu apoio em momentos bons e ruins, ouvindo meus desabafos e minhas lamentações. Levarei para sempre em meu coração: Maysa Luna, Geane Lemos, Lennara de Jesus, Ana Karoline Gomes, Suenia Ferreira, Ana Karolaine minha Sereia, Edna lemos, Heloisa Mota, Gleyciane Duarte, Mylena Coelho.

À minha orientadora Ana Karla Cruz de Lima Sales, que foi meu alicerce e buscou me passar o máximo de seus conhecimentos com carinho e paciência, sendo chave para construção desse estudo.

Por fim, agradeço **aos meus professores** e aos demais profissionais da Enfermagem que, de alguma maneira, participaram da minha construção profissional, contribuindo de forma significativa para a profissional que me torno através de conhecimentos compartilhados.

A todos, minha eterna gratidão!

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

BDENF	Base de Dados de Enfermagem
BVS	Biblioteca de Saúde Virtual
DECS	Descritores em Ciências da Saúde
LILACS	Literatura Latíno-Americana do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System
OMG	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan Americana de Saúde
SCIELO	Scientific Electronic Library
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
SINAM	Sistema de Informação de Agravos de Notificação

RESUMO

A automutilação e o suicídio são autoagressões cada vez mais comuns na atualidade. A compreensão acerca desses comportamentos tem sido um grande desafio para diversos profissionais que vem atuando na busca pela promoção de ações em saúde e para a prevenção desse tipo de problema. Este estudo está baseado em discussões sobre a automutilação e o risco de suicídio, tendo em vista a hipótese de que o comportamento autolesivo pode desencadear um comportamento suicida. Dessa forma, tem como objetivo, analisar, na literatura científica, a relação entre autolesão deliberada e risco para o suicídio. A metodologia é pautada em uma revisão integrativa, mediante abordagem qualitativa para obtenção de resultados e discussão. A busca de dados foi realizada de acordo os descritores selecionados, sendo usadas as publicações científicas indexadas nos principais bancos de dados nacionais. A busca foi realizada nos meses de abril e maio de 2021. Foram selecionados os artigos, seis artigos coletados da SCIELO e dois da LILACS, de acordo com os operadores booleanos levando em consideração os objetivos e critérios de inclusão e exclusão, chegando-se a uma amostra final de oito publicações. Os resultados apresentados sobre o tema mostram que há fatores que levam os jovens à prática autolesiva, mas não necessariamente com a intenção de suicídio. Os principais fatores que levam à autolesão foram à busca de atenção, o desamparo, a tentativa de aliviar tensões e sentimentos negativos, os sentimentos de inferioridade, além de problemas de natureza familiar. Esses fatores estão associados a comportamentos como a visão negativa de si mesmo, transtornos alimentares, entre outros aspectos. Os principais comportamentos autolesivos são descritos como praticas realizadas com a intenção de acabar com a dor psíquica e podem apresentar gravidade leve, moderada ou grave. As autolesões são realizadas de maneira deliberada em partes do corpo que não são rotineiramente monitoradas e que podem ser facilmente acobertadas. Conclui-se que é necessário a promoção de acompanhamento dos jovens com comportamento autolesivo, bem como a investigação sobre as causas que os levam a cometer tal ato. Espera-se que outros estudos possam abordar essa temática, pois corresponde a um assunto de extrema importância, principalmente para observar possibilidades de evitar o desencadeamento de comportamentos suicidas, recorrentes de práticas de automutilação, as quais podem resultar em ações com consequências mais graves.

Palavras-chave: Automutilação. Autolesão. Comportamento Autodestrutivo. Suicídio.

ABSTRACT

Self-mutilation and suicide are self-harm increasingly common today. Understanding these behaviors has been a major challenge for many professionals who have been working in the search for the promotion of health actions and the prevention of this type of problem. This study is based on discussions about self-harm and the risk of suicide, considering the hypothesis that self-injurious behavior can trigger suicidal behavior. Thus, in order to analyze, in the scientific literature, the relationship between deliberate self-injury and suicide risk. The methodology is based on an integrative review, using a qualitative approach to obtain results and discussion. For the construction of this work, the database used was the VHL, and scientific publications indexed in the main national databases were used. The search was carried out in April and May 2021. The articles were selected, taking into account the objectives and inclusion and exclusion criteria, resulting in a final sample of 8 publications. The results presented show that there are factors that lead young people to self-harm, but not necessarily with the intention of suicide. The main factors that lead to self-injury were the search for attention, helplessness, the attempt to relieve tension and negative feelings, feelings of inferiority, in addition to problems of a family nature. These factors are associated with behaviors such as a negative view of oneself, eating disorders, among other aspects. It is concluded that it is necessary to promote monitoring of young people with self-injurious behavior, as well as to investigate the causes that lead them to commit such an act. It is hoped that other studies can address this issue, as it corresponds to an extremely important subject, mainly to observe possibilities of avoiding the triggering of suicidal behavior, recurrent in self-mutilation practices, which can result in actions with more serious consequences.

Keywords: Self-mutilation. Self-injury. Self-destructive behavior. Suicide attempt. Suicide.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL:.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 A AUTOMUTILAÇÃO	15
3.2 SUICÍDIO.....	16
3.3 AUTOMUTILAÇÃO E SUICÍDIO	17
4 METODOLOGIA.....	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
5.1 FATORES PREDISPONETES PARA AUTOMUTILAÇÃO	25
5.2 PRINCIPAIS COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS	26
5.3 AUTOLESÕES E O RISCO DE SUICÍDIO	28
6 CONCLUSÕES.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

O suicídio é um fenômeno de intensa complexidade e, atualmente, é encarado como um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Destaca-se que altos índices de suicídio têm sido observados na Europa e na Ásia principalmente. No contexto brasileiro, são apresentados dados sobre esse cenário, no qual essas altas taxas de autocídio correspondem às maiores em números absolutos mundialmente (OMS, 2019).

Dados do Ministério da Saúde, correspondentes ao período de 2011 a 2015, mostram que ocorreram 55.649 (cinquenta e cinco mil, seiscentos e quarenta e nove) casos de morte por fatores relacionados ao suicídio no país, com índices em torno de 5,3 no ano de 2011 a 5,17 em 2015, situação que tem demonstrado que essa problemática tem sido uma situação desafiadora para a saúde pública brasileira (BRASIL, 2017).

Diversos estudos têm relacionado a prática do suicídio à automutilação, o que permite o levantamento de questionamentos acerca dessa problemática. A automutilação é então uma forma disfuncional de enfrentar situações-problema, praticada por indivíduos que possuem poucas estratégias de enfrentamento, dificuldade para regular o afeto e limitada habilidade de resolução de problemas, podendo tornar-se um comportamento grave e incapacitante (ALMEIDA *et al*, 2018).

Para Silva e Botti (2017), a ideia de automutilação é para o indivíduo uma prática pela qual se busca possível alívio de suas dores, e o despertar de sensações tais como: preenchimento de vazio, alívios de tensões e até mesmo escape da realidade. Para muitos estudiosos, esse tipo de comportamento tende a surgir no período da adolescência.

A automutilação e o suicídio são autoagressões cada vez mais comuns na atualidade. A compreensão acerca desses comportamentos tem sido um grande desafio para diversos profissionais que vem atuando na busca pela promoção de ações em saúde e para a prevenção desse tipo de problema (BRITO *et al*, 2020; CARMO *et al*, 2020).

Em razão das estatísticas referentes aos casos de suicídio, de acordo com dados oficiais do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) no Brasil, onze mil pessoas tiram a própria vida por ano, sendo que essa situação é considerada a quarta maior em causas de óbitos em indivíduos de 15 a 29 anos. Os dados do SIM e do Sistema de Informação de Agravos de Notificações (SINAM) apresentam que entre os anos de 2011 e 2016 os principais meios utilizados para a prática do suicídio foram: envenenamento, uso de utensílios perfurocortantes e enforcamento (BRASIL, 2017; MONTINI.; STEPHAN, 2019).

No período de 2011 a 2018, foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocada, dos quais, 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos, sendo seu maior percentual nas mulheres com 103.881 (67,3%). Das notificações de violência autoprovocada no mesmo público, 52.444 (34,0%) casos puderam ser classificados como tentativas de suicídio. Ao longo do período, observou-se um aumento da proporção de registros de tentativas de suicídio, em relação ao total de lesões autoprovocadas, passando de 18,3% em 2011, para 39,9% em 2018 (BRASIL, 2019).

Com base nessas considerações, entende-se que há uma relação estreita entre a prática de automutilação como uma espécie de fator que pode desencadear em uma ação de consequência mais grave, como é o caso do suicídio. Dessa forma, a pesquisa traz a seguinte pergunta-problema para nortear a abordagem pretendida: “Qual a associação existente entre automutilação e o risco para o suicídio?”.

Diante desse questionamento, entende-se que a escolha desse tema para abordagem pode ser justificada pelo fato de que a automutilação pode ser um fator que desencadeia uma ação de suicídio, pois o sujeito que pratica autolesão pode atentar contra sua própria vida, sendo necessário, assim, discutir sobre os riscos de suicídio a partir de ações de autolesão.

Tendo como motivação para produção da pesquisa a perda súbita e inesperada de uma pessoa querida, meu primo Osmar Passos ao qual tenha um amor imenso e eterno, me sentindo insuficiente por não conseguir salvá-lo busco através dessa pesquisa responder perguntas criadas através do luto e com conhecimentos acerca do tema contribuir de forma significativa para que a sua morte me capacite a salvar outras vidas.

O estudo mostra-se relevante, visto que essa problemática é tida como um grande desafio para os profissionais de enfermagem, partindo do pressuposto de que, apesar de haver projetos e políticas públicas de saúde, bem como variadas ações dos órgãos de saúde para o combate a essas práticas, os índices ainda estão em crescente ascensão.

Com essas considerações iniciais, é possível dizer que, a partir da discussão proposta nesta pesquisa, acredita-se que se apresentem contribuições para a análise da relação entre automutilação e suicídio, tendo em vista que essa abordagem poderá servir de embasamento teórico para a criação de novos estudos, bem como estimular a reflexão acerca do tema abordado.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL:

Analisar, na literatura científica, a relação entre autolesão deliberada e risco para o suicídio.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os principais fatores predisponentes a autolesão;
- Conhecer os principais comportamentos autolesivos;
- Verificar o risco de suicídio a partir das autolesões.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A AUTOMUTILAÇÃO

A automutilação é um comportamento intencional envolvendo agressão direta ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio, praticada por indivíduos, especialmente os adolescentes (MONTINI e STEPHAN, 2019).

De acordo com Fonseca *et al.* (2018), a autolesão pode acontecer de diversas formas, embora a forma mais comum e mais conhecida do comportamento sejam os cortes sobre a pele. Contudo, também podem se manifestar de outras maneiras: induzir queimaduras, mordidas, beliscões, ingestão de substâncias, arrancar ou puxar os cabelos, arranhar-se, raspar a pele com objetos cortantes, se bater e outros. Pode ainda ocorrer em qualquer parte do corpo, geralmente, em regiões de fácil acesso onde a lesão pode variar quanto à profundidade.

Sabe-se que vários fatores emocionais, contextuais e sociais podem levar a comportamentos prejudiciais à saúde, como a automutilação. Este comportamento, apesar de ocorrer em diversas faixas etárias, é mais comum em adolescentes com início entre os 13 e 14 anos, podendo perdurar por 10 ou mais anos (SILVA; BOTTI, 2017).

Estudos de Araújo *et al.*, (2016) mostram que a prática de automutilação vem aumentando a cada ano, principalmente entre os adolescentes, despertando atenção por investigar essa conduta por parte da comunidade científica. Mesmo sendo tema de diversos estudos em várias especialidades médicas, percebe-se que essa discussão é cercada por incógnitas, que vão desde a sua nomenclatura e conceito como na indicação do melhor tipo de tratamento.

Atualmente, o interesse pelo comportamento de automutilação e o desenvolvimento de diversos estudos refletem a preocupação dos profissionais, no entanto, ainda é um comportamento pouco estudado. Um dos fatores que colaboram para esse comportamento é a falta de definição sobre o tema, uma vez que abarca vários e diferentes casos e situações. Na população adulta, as informações são mais escassas, não se encontrando, no Brasil, nenhum centro especializado em tratamentos que apresentam a automutilação (GIUSTI, 2013).

Vários são os motivos que levam o indivíduo a se automutilar. Dentre as causas mais comuns, estão a tentativa de modular as reações emocionais que são intensas e comuns na adolescência, a baixa capacidade de resolver problemas, a dificuldade de comunicação, uma tolerância baixa ao estresse e a sensibilidade aumentada a emoções negativas, visto que se busca uma necessidade de comportamento extremo para lidar com essas situações

(LENKIEWICZ, RACICKA e BRYNSKA, 2017; LOPES e TEIXEIRA, 2019). Essas situações podem desencadear um comportamento suicida.

Para Bahia *et al* (2017), muitas condições adversas são indicadores de risco de saúde e desencadeadores de comportamento suicida como: problemas médicos, depressão, alterações no estado de humor, problemas familiares, solidão, falta de esperança, entre outros fatores que estão relacionados, também, à autoagressão com corte e até mesmo amputação de membros por meio de automutilação.

Ao analisar os fatores de risco para o comportamento autolesivo, considera-se as perturbações psicopatológicas, o histórico de suicídio no âmbito familiar, violências, negligência e maus tratos na infância, expectativas demasiado elevadas ou demasiado baixas dos pais em relação aos filhos, excesso de autoridade, rigidez familiar, divórcios, dificuldades escolares, conflitos interpessoais, problemas de relacionamento, sentimento de culpa, fracasso e morte de pessoas significativas (FONSECA *et al*, 2018).

3.2 SUICIDIO

O suicídio, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é caracterizado da seguinte forma: um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, usando um meio que acredita ser letal (OPAS/OMS, 2018).

Esse fenômeno é preocupante em nível mundial devido aos impactos psicológicos, sociais, econômicos e culturais na família e na sociedade. É uma das grandes preocupações entre diversos profissionais envolvidos na temática, bem como para a sociedade como um todo, ocorrendo em todas as regiões do mundo com maior ou menor frequência (OMS, 2019).

Destaca-se ainda, que o suicídio consumado é todo caso de morte resultante direta ou indiretamente de um ato levado a cabo pela própria vítima, que previa o resultado. Por outro lado, a tentativa de suicídio é caracterizada pelo ato em conformidade com o que foi acima definido, porém com letalidade insuficiente, isto é, não resulta em morte. Dessa forma, cabe ressaltar que a tentativa de suicídio não é um ato interrompido, mas um ato completo que acaba não resultando em óbito (KLONSKY, MAY e SAFFER, 2016).

Quanto à faixa etária, a prevalência maior está em indivíduos adultos, na idade entre 30 a 39 anos, somando 2.961 (21,7%) de óbitos, sendo que o aumento é visivelmente notado a partir da faixa etária de 15 a 19 anos. Nessa idade, o indivíduo passa por diversas transformações, incluindo a adolescência, conceituada como período turbulento, marcado por

diversas mudanças físicas, sexuais, diferenças de ideias, opiniões, relacionamentos conflituosos no seio familiar e social (VASCONCELOS-RAPOSO *et al.*, 2016).

Outro aspecto relevante é o suicídio no grupo dos idosos, na faixa etária entre 60 e 69 o número é de 1.279, cerca de (9,4%) de mortalidade por suicídio. Na pessoa idosa, o ato suicida pode ser desenvolvido por vários fatores, em especial a depressão, pelo processo de senescência, as doenças terminais, solidão por distanciamentos social e familiar e a falta de um suporte psicossocial adequado (SANTOS *et al.*, 2017).

Para a Organização Mundial da Saúde (2020), o suicídio, cujas causas, sintomas e fatores de prevenção são considerados de alta complexidade, tem repercutido na saúde pública, por se tratar de um grave problema de saúde pública, na qual sua situação deve ser prioridade. Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos. No Brasil, a incidência anual, segundo a OMS, é de quase 6%. Dados apontam que nove a cada dez casos de suicídio poderiam ser prevenidos.

Vale dizer que o suicídio não é um ato que ocorre por um único motivo isolado, mas sim em decorrência de múltiplos fatores como, por exemplo: genético, transtornos psiquiátricos, transtornos de humor, ansiedade, bipolaridade e depressão, e fatores sociais como a história de vida, cultura, gênero, questões econômicas, estruturais, fatores psicológicos e comportamentais.

É um fator de risco importante a pessoa já ter tentado o suicídio. Porém outros fatores como o estigma, o tabu e a falta de consciência do suicídio também colaboram para o aumento das taxas de suicídio, fazendo com que muitas pessoas que estão pensando em tirar suas próprias vidas ou que já tentaram suicídio não procurem ajuda e, por isso, não recebam o auxílio de que necessitam (OMS, 2020).

Todavia, entre os psicólogos e sociólogos modernos, fundamentados principalmente em Émile Durkheim, há quase um consenso de que o suicídio é resultado de comportamentos coletivos, sintomas de uma patologia social e não apenas um problema pessoal ou individual (VARES, 2017).

3.3 AUTOMUTILAÇÃO E SUICIDIO

Um dos principais fatores de risco para o suicídio é, evidentemente, a tentativa de suicídio. Desta forma, a automutilação pode ser um fator de risco importante para futuras tentativas de suicídio, principalmente entre adolescentes do sexo feminino. Isso pode ocorrer

porque o engajamento frequente na automutilação aumenta a capacidade de tentativa de suicídio (ZANUS *et al*, 2017).

O aumento na frequência de automutilação está associado a uma maior probabilidade de tentativa de suicídio no futuro. A relação significativa entre automutilação e tentativa de suicídio está além das contribuições de outros fatores de risco compartilhados, incluindo sintomas depressivos e autocríticos. Desse modo, é possível que a automutilação repetida possa se tornar uma resposta habitual em relação à angústia intrapessoal e interpessoal, e a tentativa de suicídio possa gradualmente se tornar um método no repertório de estratégias de enfrentamento entre indivíduos que cometem, repetidamente, violência autoprovocada (YOU e LIN, 2015).

A automutilação também apresenta associações a problemas de saúde mental como: transtornos de ansiedade, transtorno depressivo maior, agressividade e impulsividade e transtornos relacionados ao uso de substâncias. Pode estar associada à adversidade no início da vida e à comorbidade psiquiátrica. O tipo de dano pessoal em que as pessoas se envolvem não é fixo e estas mesmas pessoas podem se envolver em tentativas de suicídio e automutilação. Nesse contexto, as pessoas que se envolvem em tentativa de suicídio têm mais probabilidade de ter correlatos negativos do que aquelas que se envolvem em automutilação (CHARTRAND, *et al*, 2015).

Esse tipo de conduta pode ser um importante marcador de risco de suicídio, pois, diferentemente da maioria dos outros fatores associados (por exemplo, sintomas depressivos), a automutilação aumenta o risco de desejo e habilidade suicida. Ela pode ocorrer em resposta ao aumento do sofrimento psicológico que, quando associado à falta de esperança, resulta em aumento da ideação suicida. Ao mesmo tempo, a repetição da automutilação também pode habituar os indivíduos ao medo e à dor associados ao envolvimento em tentativas de suicídio (HAMZA e WILLOUGHBY, 2016).

Na automutilação do tipo impulsivo, o indivíduo corta a pele, se queima e se bate. Trata-se de comportamentos conceituados como atos agressivo-impulsivos, em que o alvo da agressão é ele próprio. Normalmente, ocorre após uma vivência traumática de uma forte emoção, como a raiva, ou apenas a lembrança dela; é vista como forma de lidar com a emoção (GIUSTI, 2013).

Segundo o autor supracitado, nesta fase podem ocorrer tentativas de suicídio por overdoses. Consequentemente, esses indivíduos acabam empregando parte do seu tempo pensando em formas de se automutilar, experimentando um desejo incontrolável de se cortar, principalmente quando impedidos de executar, podendo se ferir por horas e até dias, e ainda

desenvolver comportamentos ritualísticos, como organizar compulsivamente objetos para a automutilação

A ideação suicida também apresenta associação com a violência autoprovocada. Períodos prolongados de ideação suicida têm um risco maior de tentativas futuras de suicídio e suicídios consumados em comparação aqueles em que as tentativas foram mais impulsivas. Assim, quando a ideação suicida ocorre durante o final da infância ou no início da adolescência, aumenta significativamente o risco de futuras tentativas de suicídio (HEDELAND *et al*, 2016).

4 METODOLOGIA

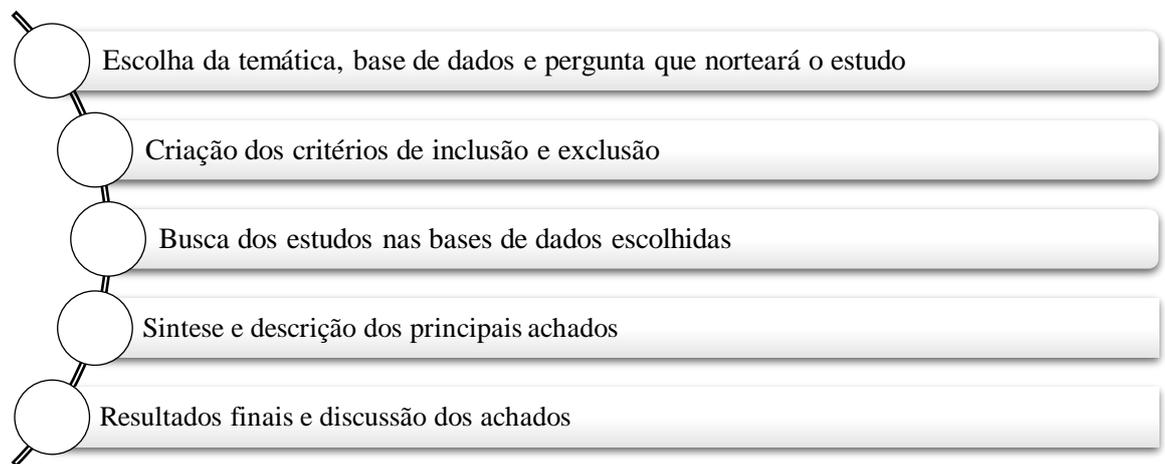
Esta pesquisa trata-se de um estudo realizado através de uma revisão integrativa de literatura, que permite a identificação, síntese e a realização de uma análise ampliada da literatura acerca de uma temática específica.

Para Ercole, Melo e Alcoforado (2014), uma revisão integrativa busca sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, constituindo, assim, um corpo de conhecimento. Pode ser elaborada com diferentes finalidades, podendo ser direcionada para a definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica dos estudos incluídos de um tópico particular

Para direcionar a presente revisão, delineou-se a seguinte questão: “Qual a associação existente entre automutilação e o risco para o suicídio?”.

Com o intuito de obter respostas para a questão norteadora, a pesquisa foi realizada em etapas que podem nortear a produção desse tipo de revisão e deixá-la mais organizada. Essas etapas são descritas na figura 1.

Figura 1. Etapas que norteam a revisão integrativa



Fonte: Adaptado de MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, (2008).

Para a construção deste trabalho, realizou-se busca na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), sendo utilizadas publicações científicas indexadas nos principais bancos de dados nacionais, tais como, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem

(BDENF) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). A busca foi realizada nos meses de abril e maio de 2021.

O levantamento de dados foi realizado nas bases de dados citados acima, a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e palavras-chave: “AUTOMUTILAÇÃO”, “AUTOLESÃO”, “COMPORTAMENTO AUTODESTRUTIVO”, “TENTATIVA DE SUICÍDIO”, “SUICÍDIO”, com os operadores booleanos AND e OR.

Foram elencados como critérios de inclusão: estudos primários que respondiam à pergunta norteadora, artigos completos disponíveis, integralmente, nas bases de dados elencadas, com recorte temporal dos últimos 5 anos e redigidos em português. Foram excluídas publicações que não respeitassem à delimitação do tema e o objetivo do estudo, bem como aquelas resultantes de artigos de opinião, estudos de caso ou reflexão, editoriais, documentos ministeriais e capítulos de livro.

Como instrumento e procedimentos utilizados para que esses estudos fossem coletados, foi realizado um rastreio na internet nas bases de dados escolhidas. Esses estudos foram selecionados, lidos e separados conforme os critérios de inclusão e exclusão mencionados. O material bibliográfico selecionado foi avaliado de forma criteriosa, com a realização de fichamentos para seleção dos achados em cada estudo.

Os estudos que foram escolhidos para a composição final dos achados foram analisados de forma descritiva e qualitativa. Os principais dados coletados para responder à pergunta norteadora foram sintetizados em uma tabela, na qual são apresentados os principais pontos dos estudos lidos.

A interpretação dos dados envolveu uma discussão mais profunda com a literatura pertinente à temática. Ao final, os resultados foram apresentados em forma de texto descritivo, divididos em categorias.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A associação entre automutilação e suicídio esteve como centro dessa pesquisa, tendo em vista a análise da relação entre as práticas de automutilação, de maneira deliberada, com os riscos para o suicídio.

Para a construção dos resultados, observaram-se os critérios de inclusão e de exclusão dos artigos, diante da pesquisa com base nos descritores selecionados para o levantamento de dados proposto no estudo em questão.

Assim, com base na pesquisa realizada, foram selecionados os artigos, partindo de uma amostra inicial, levantada de acordo com os descritores, seguida da exclusão após a utilização de filtros como pesquisas na íntegra, publicadas nos últimos cinco anos, e em português. Diante disso, foram selecionados seis artigos coletados da SCIELO e dois da LILACS, de acordo com os operadores booleanos.

Ressalte-se, assim, que se chegou a uma quantidade de artigos para a análise inicial do resumo e a leitura na íntegra, quando viável, até chegar-se à amostra final, conforme é apresentado no fluxograma da figura 2:

Figura 2 - Fluxograma de busca de dados



Fonte: Elaboração própria, baseada na busca de base de dados.

Para apresentação dos resultados e sua posterior discussão, utilizou-se de um quadro para a disposição das características dos estudos, além de analisá-lo através de uma categorização temática.

Com isso, no quadro 1, são elencados os estudos que discorrem sobre a prática de automutilação, sua relação com o suicídio, com os respectivos resultados e conclusões que podem encaminhar a discussão proposta nesta pesquisa.

Quadro 1 –Caracterização dos artigos em busca nas bases de dados quanto aos autores, ano de publicação, título, base de dados e objetivos.

Autor /Ano	Título	Objetivos	Metodologia
Forte e Macedo (2017)	Automutilação na adolescência: rasuras na experiência da alteridade	Propor uma reflexão sobre o tema da automutilação a partir da narração de <i>blogs</i> de adolescentes.	Abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa.
Silva e Botti (2018)	Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual <i>Facebook</i>	Identificar a composição e a estrutura de um grupo de automutilação em rede social virtual.	Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória.
Fonseca <i>et al</i> (2018)	Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes	Avaliar a frequência e as características da autolesão entre adolescentes.	Estudo exploratório, transversal, descritivo com abordagem quantitativa.
Tardivo <i>et al</i> (2019)	Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo	Aprofundar o conhecimento de aspectos psicológicos e identificar sinais de depressão e ansiedade, em adolescentes com conduta de autolesão, manifestadas em ambiente escolar.	Método clínico e interpretativo, com abordagem qualitativa.
Barbosa <i>et al</i> (2019)	A prática de autolesão em jovens: uma dor a ser analisada	Analisar o fenômeno da autolesão a partir dos significados atribuídos à percepção da dor pelos jovens que vivenciam ou vivenciaram tal experiência, além de identificar aspectos relacionados à prática de autolesão.	Estudo qualitativo.
Correia <i>et al</i> (2020)	Atenção psicossocial às pessoas com comportamento suicida na perspectiva de usuários e profissionais da saúde	Compreender as implicações da assistência prestada às pessoas com comportamento suicida no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial, na perspectiva de usuários e profissionais de saúde.	Pesquisa qualitativa.

Gabriel <i>et al</i> (2020)	Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde	Conhecer as percepções dos profissionais da educação e da saúde acerca da autolesão não suicida em adolescentes.	Pesquisa qualitativa.
Lira <i>et al</i> (2020)	Perfil das vítimas de suicídio em município da Paraíba/Brasil	Traçar o perfil dos óbitos das vítimas de suicídio necropsiadas no Núcleo de Medicina e Odontologia Legal do Instituto de Polícia Científica do Estado da Paraíba do Município de Guarabira, no período de 2016 a 2017.	Pesquisa documental e descritiva com abordagem quantitativa.

Fonte: Dados da pesquisa em base de dados.

Do total de artigos selecionados para análise, no ano de 2017 apenas um artigo foi publicado, dois foram publicados nos anos de 2018 e 2019 cada, e 03 publicações em 2020. Isso demonstra que houve um gradual aumento das publicações sobre o assunto nos últimos anos, no entanto ainda se apresenta um quantitativo pequeno para o grau de importância dessa temática.

Dessa forma, constata-se que as pesquisas sobre a autolesão relacionada ao suicídio são escassas, demonstrando a necessidade de desenvolvimento de outros estudos abordando este tema, uma vez que se trata de temática relevante e presente na nossa realidade atual.

A maioria dos estudos, cinco deles, utilizaram a abordagem qualitativa se relacionando ao uso de entrevistas tanto com profissionais quanto com o público em estudo e seus familiares, dentre os anos de 2010 e 2020.

Como se vê, nesse contexto de análise, foram encontrados artigos que tratam dos seguintes eixos temáticos, correspondentes à questão de pesquisa e aos objetivos relacionados ao estudo em pauta: fatores predisponentes à autolesão, os principais comportamentos autolesivos e a relação entre autolesão e o risco de suicídio, conforme será discutido nas subseções seguintes.

5.1 FATORES PREDISPOANTES PARA AUTOMUTILAÇÃO

De acordo com os estudos analisados, vários são os fatores que promovem a prática de autolesão ou automutilação e, geralmente, é uma forma de comportamento que se instala em decorrência de situações adversas para os jovens, podendo ser encarada também como um modo de chamar a atenção.

Em Forte e Macedo (2017), é dito que a automutilação consiste em uma prática que tem como propósito diminuir determinadas dores emocionais, sendo uma maneira de liberar emoções negativas, por meio de cortes no corpo. Nesse estudo, constata-se que os cortes são de foro íntimo do sujeito e estão relacionados tanto ao próprio sofrimento do indivíduo como às emoções de pessoas queridas. Entretanto, essa ação não é realizada deliberadamente com a intenção de suicídio.

Nessa perspectiva, toda a questão em relação à prática de automutilação é apresentada no estudo de Silva e Botti (2018), tomando como análise a projeção dessas ações através da internet. Mostram que esse tipo de prática proporciona a criação de comunidades virtuais, onde os sujeitos têm espaço para externar as motivações que os fazem proceder dessa maneira e revelam o perfil dos participantes, com relatos sobre os casos de autolesão deliberada. Com esse tipo de canal de comunicação promove-se um engajamento para o acolhimento dessas pessoas.

Assim, nesse espaço virtual, entende-se que os adolescentes têm mais liberdade para externar os motivos que os levam a praticar a automutilação, com depoimentos que convergem para a justificativa já apresentada, ou seja, os problemas que afligem a vida desses jovens e os levam a ter tal conduta.

Além de se tratar, predominantemente do público jovem, especialmente adolescentes, o estudo de Fonseca *et al* (2018) dizem que há a predominância do público feminino como praticantes da autolesão. Os resultados deste estudo sugerem que a autolesão teve a função principal de regulação emocional, realizada com a intenção de aliviar sensações de vazio ou indiferença e para cessar sentimentos ou sensações ruins.

No estudo de Tardivo *et al.* (2019), foi realizado um método clínico com três adolescentes que já haviam praticado a autolesão. Assim mediante os resultados torna-se explicito relações baseadas na perda e abandono, que são fatores predisponentes para a prática da autolesão. Os participantes apresentam indícios fortes de depressão e ansiedade e mostram como atitude básica uma visão depreciativa de si mesmo.

De acordo com o estudo de Barbosa *et al* (2019) são diversos os motivos relatados para a prática da autolesão, como relacionamentos (sejam eles parentais ou amorosos), transtornos mentais, solidão, fatores acadêmicos e profissionais, entre outros, que trazem o sofrimento psíquico. A autolesão parece utilizada como uma saída, uma forma de descarga de conteúdos que, no momento, tornam-se insuportáveis. Com tanto sofrimento, a dor física é relatada como diferente de outras situações e parece aliviar a dor psíquica, que no momento é o mais angustiante e que deseja por fim ou pelo menos diminuir.

De acordo com os resultados do estudo de Gabriel *et al.* (2020) a própria situação de ser adolescente leva a autolesão, sendo esta etapa vista como um período de transição, mudanças e descobertas, em que as pessoas ficam perdidas e propensas a esses comportamentos. A autolesão se relaciona a uma concepção universalizante da adolescência como fase, falta de limites, desrespeito às regras e hormônios. Outros aspectos citados se dão pelo produto das transformações ocorridas principalmente nas relações familiares onde há uma dinâmica familiar comprometida, com relações pouco estáveis e afetivas, influenciando as relações sociais e também da tecnologia, onde muitos adolescentes vivem em função do mundo virtual.

Como se vê, os estudos são direcionados, predominantemente, aos fatores que levam à prática de autolesão, tendo em vista a importância sobre o entendimento dos aspectos envolvidos nesse tipo de postura. Vale ressaltar que, além da identificação do comportamento autolesivo, é necessária a discussão sobre questões como a eficácia do cuidado e do acompanhamento que envolve os sujeitos que agem dessa forma.

Diante das considerações apresentadas sobre os fatores que deixam os jovens propensos à autolesão, pode-se considerar como fator decisivo para o comportamento autolesivo o estado emocional dos adolescentes. Isso, por sua vez, pode ser associado às vivências desses sujeitos, os quais podem passar por situações que despertem esse tipo de circunstância, como os problemas enfrentados nesta fase da vida e a falta de maturidade para lidar com situações difíceis.

5.2 PRINCIPAIS COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS

Os fatores referentes à prática de autolesão estão relacionados a determinadas posturas dos sujeitos que praticam tal ato. Dessa forma é importante discutir sobre os comportamentos que podem ser percebidos no que diz respeito aos indivíduos que promovem autolesão deliberada.

Para Forte e Macedo (2017), os cortes autoinflingidos envolvem uma esfera íntima e facilmente acobertada pelo adolescente, pois são quase sempre realizados em uma parte do corpo menos monitorada pelos pais ou pela família, abarcam certa relação entre o corpo próprio e a expressão do sofrimento, e não a intenção de se matar. Geralmente o adolescente não demonstra de forma manifesta inquietação ou angústia com o fato de se automutilar, sendo o alarme acionado quando um adulto descobre e se preocupa com o fato.

Forte e Macedo (2017) trazem ainda que o comportamento autolesivo é algo revelador em relação ao sujeito. Isso pode ser entendido, porque a prática da autolesão deliberada está relacionada a fatores da vida dos jovens que podem, de certa forma, justificar tal comportamento. Em outras palavras, se o adolescente pratica esse tipo de ação, isso pode revelar alguma situação que esteja afligindo este ser.

Já o estudo de Fonseca *et al* (2018), apresentou nos resultados de seus estudos que um mesmo adolescente pode ter cometido mais de um tipo de autolesão, apresentando ao mesmo tempo gravidade leve, moderada ou grave e que esses comportamentos autolesivos são associados à ideia de regulação de sentimentos negativos, informando que é preciso a observância desse tipo de comportamento para evitar que o quadro de lesões seja direcionado para situações mais graves.

No estudo de Tardivo *et al* (2019), foram realizadas entrevistas semiestruturadas nas quais identificou no caso A que a menina de 13 anos disse que, ao descobrir o abandono, ficou com muita raiva e começou a se cortar (há um ano). No caso C, menino de 14 anos contou que compra gilete na farmácia e realiza o corte nos pulsos com a frequência de uma vez ao mês e que foi influenciada pela amiga de colégio e diz que quando se corta passam por sua cabeça sentimentos de tristeza e raiva, onde ao realizar os atos lembrava do pai e sentia culpa e raiva por não poder ajuda-lo, revela que seu pai tem depressão. Nas entrevistas foi evidenciado que tanto no caso A como no B, que os adolescentes tinham como motivo problemas familiares.

Segundo Tarvido *et al* (2019) o comportamento autolesivo está associado aos sentimentos negativos que afetam a vida do adolescente, além dos diversos problemas que interferem no seu cotidiano, como os emocionais e as situações familiares.

A adolescência é uma fase com maior vulnerabilidade intrapessoal e social, com isso os indivíduos têm exercido a autolesão para aliviar sentimentos negativos, sendo relacionado à busca por atenção da fase adolescente, onde o comportamento é usado como forma para influenciar outras pessoas (GABRIEL *et al*, 2020).

Barbosa *et al* (2019) traz que a pele é o refúgio para se agarrar à realidade, e não afundar quando um evento abriu um abismo na existência. Aquele que está em carne viva, no plano dos sentimentos, esfolia sua pele para recuperar o controle.

Segundo Silva e Botti (2018) A partir da análise dos depoimentos nos seus grupos de redes social no Facebook pode ser identificada a presença de automutilação grave com vários cortes ou queimaduras na pele e o interesse por informações sobre objetos cortantes, extensão de cortes e cicatrizes.

Nessa perspectiva de cuidado, o trabalho de Silva e Botti (2018) apresentam como importante a inserção às redes sociais dos jovens para o entendimento acerca do comportamento autolesivo. Nessa dimensão de abordagem, entende-se que é possível combater esse tipo de situação a partir da compreensão sobre a prática da automutilação, sendo a rede social um espaço de escuta e de expressão para os jovens.

Outro ponto importante sobre esse tipo de comportamento pode ser observado em Correia *et al* (2020), no qual, mostra-se que há um comportamento relacionado a um não querer morrer, mas sim, o desejo de se libertar de uma dor. Nesse sentido, observa-se que essa libertação está relacionada à promoção de dor física para curar a dor emocional.

Por isso, pode-se considerar que é importante analisar os fatores que levam o jovem a cometer autolesão deliberada e tentar sanar esses problemas para que haja a mudança de postura. Com essa abordagem, é dito que o acompanhamento dos profissionais de saúde pode promover uma mudança de comportamento dos sujeitos, fortalecendo o pensamento em relação à prevenção à vida.

5.3 AUTOLESÕES E O RISCO DE SUICÍDIO

De acordo com os estudos apresentados no quadro 1, apesar de ser uma ação que não está relacionada diretamente com o suicídio, a prática de autolesão deliberada é considerada como um comportamento suicida.

A abordagem de Tardivo *et al* (2019) apresentam, como resultados, o fato de que os adolescentes cometem autolesão em virtude de acontecimentos que envolvem problemas de natureza familiar. Para além disso, os autores também informam que esse tipo de prática está relacionado ao sentimento de inferioridade desses jovens.

O estudo de Correia *et al* (2020) discorre sobre o comportamento suicida, sendo que a prática de automutilação pode tornar-se em um grande fator de provocação do suicídio, pois, de acordo com dados citados, 42% dos casos de lesão autoprovocada estiveram relacionados

com a automutilação e a prática de suicídio. Diante dessas considerações, é importante ressaltar a necessidade de atendimento psicossocial. Nesse sentido, esse tipo de apoio é fundamental para os atendimentos dos indivíduos com comportamento suicida.

Já para Forte e Macedo (2017) apesar dessa necessidade de atenção psicossocial, não há relação entre suicídio e comportamento autolesivo. Nos seus achados é dito que essa prática é de natureza íntima, realizada em parte ocultas, ou ocultáveis, do corpo, e não é realizada com a intenção de cometer suicídio, sendo mais uma ação de autoconhecimento e de um despertar de sensações sobre o próprio corpo. Dessa forma, é de suma importância promover ações de prevenção em relação à automutilação.

No estudo de Gabriel *et al* (2020), discorre-se sobre o caráter não suicida da autolesão. Nessa situação, é dito que esse tipo de prática, na perspectiva de profissionais da educação e da saúde, é visto como algo para chamar atenção e como uma fase passageira da adolescência. Mostra-se também que esse tipo de visão tem relação com a falta de manejo para lidar com esse tipo de situação.

De acordo com Lira *et al* (2020), a automutilação não consiste na causa maior de suicídio, situação que vai ao encontro da ideia de que a autolesão não é um fator que culmina com o suicídio. Há encaminhamentos em relação à necessidade de realização de ações para a prevenção e o enfrentamento das situações que promovem a autolesão e que, conseqüentemente, aumentam o risco de suicídio. Nesse contexto, são apontados os profissionais de saúde e as instituições escolares como elementos-chave para o atendimento desses sujeitos, tendo em vista a predominância de análise sobre o público jovem.

A autolesão, ao mesmo tempo que pode expressar um desejo de morte, também parece se aproximar da vida, já que apesar de falarem do suicídio, a autolesão pode ser entendida como um substituto do suicídio, e assim, uma forma de manter a vida. Isto nos mostra a complexidade desse sintoma, que parece comunicar inúmeras questões e a necessidade de um espaço para acolher o sofrimento psíquico (BARBOSA *et al*, 2019).

De maneira geral, os estudos de Silva e Botti (2018), apontam para o fato de que as práticas de autolesão não necessariamente resultam em uma ação não suicida. Nesse sentido, tratam de condutas que são vistas como uma válvula de escape em relação à problemas emocionais diversos e a sentimentos negativos que perpassam pelos sujeitos.

Dados os resultados encontrados no estudo de Fonseca *et al.*, (2018), verifica-se que os comportamentos de autolesão entre os adolescentes não apresentam intenção suicida, ainda assim, é preciso considerar que pessoas com histórico de autolesão compõem um grupo de

risco de particular importância para a prevenção do suicídio, estando o comportamento autolesivo presente em pelo menos 40% dos suicídios.

Por fim, é preciso dizer que as ações de automutilação devem ser percebidas em seu contexto macro para que a compreensão acerca das ações de cuidado e de acompanhamento sejam eficazes, pois há uma série de fatores que proporcionam o comportamento autolesivo. Reforça-se, ainda, a ideia de que a autolesão deliberada não pode ser considerada apenas do ponto de vista de que se trata de um jovem incompreendido, ou de uma fase que leva à adoção desse tipo de postura. Mais do que isso, essa prática pode desencadear outras ações que podem culminar no suicídio, ainda que, inicialmente, não seja essa a intenção do sujeito.

6 CONCLUSÕES

A discussão proposta neste estudo considerou a relação entre autolesão deliberada e o risco do suicídio, conforme os objetivos traçados para esta pesquisa. Nessa análise, viu-se que, de modo geral, essa prática, realizada por jovens, não é fator predominante para o suicídio, embora deva ser prevenida para que não chegue a essa consequência fatal.

Diante dos estudos pesquisados, constatou-se que os principais fatores que levam à autolesão foram a busca de atenção, o desamparo, a tentativa de aliviar tensões e sentimentos negativos, os sentimentos de inferioridade, além de problemas de natureza familiar. Esses fatores estão associados a comportamentos como a visão negativa de si mesmo, transtornos alimentares, entre outros aspectos.

Com base na questão de pesquisa levantada, conclui-se que há associações existentes entre a prática de automutilação e o risco para o suicídio, ainda que esse tipo de situação não seja a causa predominante, principalmente em relação aos jovens, tendo em vista que essa ação, geralmente, não é realizada com a intenção de suicídio.

É importante destacar a necessidade de políticas interventivas para a prevenção, o entendimento acerca das causas da autolesão deliberada, bem como o acompanhamento dos jovens com esse tipo de comportamento, mediante o trabalho em rede de profissionais como os da saúde, da educação.

Espera-se que o estudo contribua com informações para profissionais da área da saúde e educação para propiciar na identificação de casos, manejo e apoio à adolescentes com o comportamento. E que outros estudos possam abordar essa temática, pois corresponde a um assunto de extrema importância, principalmente para observar possibilidades de evitar o

desencadeamento de comportamentos suicidas, recorrentes de práticas de automutilação, as quais podem resultar em ações com consequências mais graves.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S., CRISPIM, M. S. S., SILVA, D. S. S., PEIXOTO, S. P. L. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/ educacional. vol. 4, n.3 p. 147-160, Maio 2018, Alagoas. Disponível em: periodicos.set.edu.br. Acesso em: 05 out. 2020.
- ARAÚJO, J. F. B. *et al.* O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, ago. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2020.
- BAHIA, C. A. *et al.* Lesão autoprovocada em todos os ciclos da vida: perfil das vítimas em serviços de urgência e emergência de capitais do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** 22(9), p. 2841-2850, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/63k5xJZTD5DZ4JKvLcgXbbD/abstract/?lang=pt> Acesso em: 25 abr. 2021.
- BARBOSA, V. *et al.* A prática de autolesão em jovens: uma dor a ser analisada. **REME – Rev. Min. Enferm.** 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1049866> Acesso em: 04 jun. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim. **Setembro Amarelo**: Ministério da Saúde lança agenda estratégica de prevenção ao suicídio. Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/Coletiva-suicidio-21-09.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2020.
- BRASIL. Secretaria de Vigilância a Saúde. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico** 24. Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018. Vol. 50, 2019
- BRITO, M. D. L. de S. *et al.* Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 4, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000400214. Acesso em: 10 out. 2020.
- CARMO, J. de S. *et al.* Autolesão não suicida na adolescência como fator de predisposição ao suicídio. **Saúde, Ética & Justiça**, v. 25, n. 1, p. 3-9, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000400214. Acesso em: 10 out. 2020.
- CHARTRAND, H. *et al.* Correlatos de autolesão não suicida e tentativas de suicídio entre pacientes de atendimento terciário da Emergência. **The Canadian Journal of Psychiatry / Canada**, v. 60, n. 6, p. 276-283, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4501585/> Acesso em: 19 out. 2020.
- CORREIA, M. C. *et al.* Atenção psicossocial às pessoas com comportamento suicida na perspectiva de usuários e profissionais da saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP**, 54, p. 01-08, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/mkX3GWtwDMbKRhsTMWXfgVm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 25 abr. 2021.

ERCOLE, F. F.; MELO, L. S. de; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/remee.org.br/pdf/v18n1a01.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021

FONSECA, P. H. N. da *et al.* Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol.70, n.3, p. 246-258, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017 Acesso em: 10 abr. 2021.

FORTE, I.; MACEDO, M. M. K. Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, vol. 20, n. 38, p. 353-367, jul./dez., 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/psico/v20n38/0124-0137-psico-20-38-00353.pdf> Acesso em: 25 abr. 2021.

GABRIEL, I. M. *et al.* Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde. **Escola Anna Nery**. vol. 24, n.4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/QyNHwtKW6hx3Xq9gTKgYKnh/?lang=pt> Acesso em: 25 abr. 2021.

GIUSTI, J. S. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. 2013. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

HAMZA, C. A., WILLOUGHBY, T. Autolesão não suicida e risco de suicídio em adultos emergentes. **Journal of Adolescent Health**, vol. 59, n.4, p. 411– 415. 2016. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1054139X16301008#:~:text=In%20the%20present%20study%2C%20it,suicidal%20risk%20in%20first%20year.)). Acesso em: 19 out. 2020

HEDELAND, R. L., et al. Fatores de risco e características das tentativas de suicídio de 381 adolescentes suicidas **Acta Paediatrica**, vol.105, n.10, p. 1231–1238, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27146308/> Acesso em: 19 out. 2020

KLONSKY, E. D., MAY, A. M., SAFFER, B. Y. (2016). Suicídio, tentativas de suicídio e ideação suicida. **Annual review of clinical psychology**. vol. 12, p. 307-330, 2016. Vancouver, University of British Columbia. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-clinpsy-021815-093204>. Acesso em: 18 out. 2020

LENKIEWICZ, K.; RACICKA E.; BRYŃSKA A. Colocação de autolesão em classificações de transtornos mentais, fatores de risco e mecanismos primários: revisão de literatura. **Psychiatr Pol**. vol. 51, n.2, p. 323-34, 2017. Disponível em: 10.12740/PP/62655. Acesso em 18 out. 2020.

LIRA, S. C. M. *et al.* Perfil das vítimas de suicídio em município da Paraíba/Brasil. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**. v. 24, n. 1, p. 123-132, 2020. Disponível em:

<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/04/1087539/47352-outros-131848-1-10-20200401.pdf>
Acesso em: 25 abr. 2021.

LOPES, L. S.; TEIXEIRA, L. C. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos Clin.** vol. 24, n. 2, p. 291-303. 2019. Disponível em: 10.11606/issn.1981-1624.v24i2p291-303. Acesso em: 18 out. 2020.

MENDES K. D. S; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método da pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto enferm,** vol. 17, n. 4, p. 758-64, Out./Dez. 2008. Disponível em:https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018. Acesso em: 06 out. 2020.

MONTINI, L. dos S.; STEPHAN, F. A prática da automutilação na adolescência. **Caderno Científico FAGOC de Graduação e Pós-Graduação,** v. 4, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/5322>. Acesso em: 05 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Suicídio** [Internet]. Geneva; 2019. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em 12 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **OMS alerta: Suicídio é a 3ª causa de morte de jovens brasileiros entre 15 e 29 anos.** Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/2020/09/10/oms-alerta-suicidio-e-a-3a-caoa-de-morte-de-jovens-brasileiros-entre-15-e-29-anos/> Acesso em: 04 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA (OPAS), ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Suicídio é grave problema de saúde pública e sua prevenção deve ser prioridade. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5674:suicidio-e-grave-problema-de-saudepublica-e-sua-prevencao-deve-ser-prioridade-afirma-opas-oms&Itemid=839. Acesso em: 12 out. 2020.

SANTOS, E. G. de O., et al. Análise espaço-temporal da mortalidade por suicídio em idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia,** vol. 20, n.6, p. 845-85, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbagg/v20n6/pt_1809-9823-rbagg-20-06-00845.pdf. Acesso em 18 out. 2020.

SILVA, A.C.; BOTTI, N. C. L. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: Revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental.** n. 18 p. 67-76, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322290025_Comportamento_autolesivo_ao_longo_do_ciclo_vital_Revisao_integrativa_da_literatura. Acesso em: 06 out. 2020.

SILVA, A. C.; BOTTI, N. C. L. Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual *Facebook*. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** vol. 14, n.4, p. 203-201, out./dez., 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000400003 Acesso em: 24 abr. 2021.

TARDIVO, L. S. P. C. *et al.* Autolesão em adolescentes, depressão e ansiedade: um estudo compreensivo. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, vol. 39, n. 97, p. 157-169, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200002 Acesso em: 25 abr. 2021.

VARES, S. F. O problema do suicídio em Émile Durkheim. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, vol. 13, n. 18, p. 13-36, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/15869-59521-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

VASCONCELOS-RAPOSO, J., et al. Níveis de ideação suicida em jovens adultos. **Estudos de psicologia**, vol. 33, n. 2, p. 345-354, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000200345. Acesso em: 18 out. 2020.

YOU, J.; LIN, M. P. Previsão de tentativas de suicídio por frequência variável de autolesão não suicida entre adolescentes chineses da comunidade. **J Consult Clin. Psychol**, vol. 83, n. 3, p. 524-533, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25774785/> Acesso em: 16/10/2020.

ZANUS, C., Battistutta, et al. Admissões de adolescentes em unidades de Emergência por pensamentos e comportamentos autodestrutivos. **PlosOne**, vol. 12, n.1, 2017. Disponível em: [10.1371/journal.pone.0170979](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0170979). Acesso em: 19 out. 2020.